

**Ruy Sardinha Lopes**

Filósofo, professor assistente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Av. Trabalhador Sancarlenense, 400, Centro, CEP 13560-970, São Carlos, SP, (16) 33739294, rsard@sc.usp.br

A dificuldade em se resenhar a coletânea de textos que forma esta obra vem, em grande medida, da enorme riqueza do personagem ao qual os autores aqui reunidos prestam o devido reconhecimento e homenagem. Francisco de Oliveira, recifense que na ocasião tornara-se cidadão paulistano, é uma destas gemas preciosas que o solo agreste produziu e que anos de militância e apuro crítico souberam tão bem lapidar. Cintilam em suas múltiplas faces o cientista político sempre atento ao presente, o economista político perspicaz e capaz de constantemente atualizar o marxismo, o visionário, o escritor e, sobremaneira, o militante cuja radicalidade insiste em manter-se viva para nos lembrar a todo instante da urgência da crítica numa época onde nem mesmo o consenso é mais possível.

O título do livro (e do seminário que lhe deu origem), Francisco de Oliveira – A tarefa da crítica, parece indicar outro traço de sua trajetória: a indissociação entre o homem e sua obra. Assim, os depoimentos que se atêm mais ao homem, ao amigo ou companheiro Chico mostram o quanto sua sensibilidade aguçada, desarraigamento ou fina ironia foram essenciais à tessitura de sua vida intelectual. Chico, como poucos, soube, antropofagicamente, fazer nosso aquilo que – de Marx a Agambem – de melhor surgiu no pensamento de esquerda ocidental.

Da leitura deste livro, podemos concluir estarmos diante de um clássico. Não tanto pela quantidade de vezes que a palavra “releitura” – das obras de Oliveira – aparece aqui, já que Ítalo Calvino<sup>1</sup>

caracteriza um livro clássico pelo fato dele se ouvir dizer: “estou relendo” e nunca “estou lendo”, ou sequer pela nuvem de discursos críticos que acarreta sobre si (como, por exemplo, as diversas referências à Crítica à razão dualista), mas pela função de “retrovisor”, de “olho na nuca” de sua obra. Segundo Calvino, o espelho retrovisor representa uma revolução na história da humanidade, graças a ele, o motorista consegue ver a paisagem que se descortina atrás dele, ao mesmo tempo em que olha o que está à sua frente. Através deste artifício o homem livra-se de sua angústia cognitiva diante da totalidade, “como se ele fosse só um olho suspenso sobre a totalidade do mundo”.

Atendo-se à imanência de seu objeto, a sociedade brasileira, a obra de Oliveira “faz-nos compreender aquilo que parecia – pelo menos para mim sempre parecia – acima da possibilidade da compreensão” (Marilena Chauí). Se tal compreensão exige a visão retroversa não implica, entretanto, o lamento nostálgico da oportunidade perdida (Gabriel Cohn), nem a rendição a um “presente inteiramente capturado pelas urgências do momento” (Vera Telles). É que, como nota Maria Célia Paoli, ao interpretar os rumos do mundo que hoje habitamos, sua obra “produz conceitualmente o próprio objeto em questão” e, com isso, talvez figure algumas “linhas de fuga de futuros possíveis”. Aqui, mais uma vez, une-se o militante e o intelectual, já que a configuração de futuros possíveis passa pela reafirmação da tarefa da crítica: “pensar, assumir o lugar da crítica implacável com todo o seu desconforto, o lugar de uma razão que não se

1. Calvino, Ítalo – Por que ler os clássicos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

*conforma com o mundo e tampouco o justifica, oferece poucas respostas, sobretudo quando pensar e escrever são vistos como luta contra a banalização, a simplificação e a vulgarização”* (Cibele Rizek).

Assim, o que torna a *tarefa da crítica*, tão brilhantemente exercida por Oliveira, absolutamente imprescindível entre nós é o fato de nos guiar através da densa neblina que recaiu sobre nossas cabeças e nos ata de forma totalitária às determinações do presente. Como apontam vários dos textos aqui reunidos, em especial os dos pesquisadores do Cenedic-USP: Roberto Vêras, Maria Célia, Vera Telles e Cibele Rizek, a adesão incontestada ao neoliberalismo, iniciado nos anos FHC, significou não apenas uma *“profunda redução da já precária autonomia nacional”* (Carlos Bello) e sua implacável subordinação ao capital mundializado (Leda Paulani), mas a instauração do *desmanche* das possibilidades democráticas e republicanas esboçadas anteriormente e ainda presentes no Brasil, ao *“menos como expectativa e como possibilidade”*, até o final dos anos 80 (como, por exemplo, a criação das câmaras setoriais). A partir daí tem-se seguimento o vitorioso processo de privatização do público, de abandono da tensão constitutiva da modernização brasileira, da interrupção da *“hipótese superadora”*. Em uma palavra, a instauração de um Estado de exceção permanente e a compreensão do neoliberalismo como totalitarismo (mais uma afirmação corajosa e iluminadora de Oliveira), ou seja, o desenho de uma outra ordem para a qual estamos, em grande medida, conceitualmente desarmados.

Se esta é a nossa tragédia – e Chico nos mostra o quanto esta particularidade tem de universal – ela se soma à outra, pessoal, cujos meandros este livro consegue antecipar. É que diante de tamanha *“destituição do mundo público e anulação da política”* a aposta do militante era que um governo de representantes da classe trabalhadora explicitasse a excepcionalidade do presente, publicizasse o

privado, *“civilizasse a dominação”*. Nas palavras de Chico (citadas por Leda Paulani, p121):

*“O que se exige do novo governo é de uma radicalidade que está muito além de simplesmente fazer um governo desenvolvimentista, de simplesmente repor a economia nos trilhos do desenvolvimento...Ele impõe uma radical redistribuição da renda, muito para além dos rendimentos do trabalho e inovações nas formas da propriedade social, que afrontem a espantosa concentração de rede e de riqueza na economia e na sociedade”*.

Se àquela época Marilena Chauí podia achar que ainda *“vai dar tempo”* (p.28), o desenrolar dos acontecimentos fez o militante e o intelectual Francisco de Oliveira romper com suas próprias convicções em nome de uma razão inconformada. Engana-se quem acredita que isso esmoreceu o velho combatente ou destituiu-lhe a fala como dissenso. Como bem captou Gabriel Cohn:

*“ Na realidade, o que eu estou sugerindo é que a percepção clara de que aquilo que poderia se realizar historicamente e não se realizou, quando devidamente incorporada, converte-se nessa energia tenaz, que move esse tipo de pensador que estou tentando agora caracterizar. Move e se converte numa energia que se traduz numa busca constante, digamos, numa busca de retaliação histórica pelo que poderia ter havido e não houve, ou pela realização plena daquilo que no momento presente se anuncia”*.

É pois, a um pouco desta voz dissonante e desta energia tenaz que os textos e autores aqui reunidos procuram fazer jus. Ao término da leitura deste convite, e boa introdução, à obra de Francisco de Oliveira só podemos concordar com Ítalo Calvino e dizer que a melhor justificativa para se ler o Chico é que é melhor do que não lê-lo.